

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

10/02/1996 Porto Novo

Karin-Urbain da Silva

MILTON GURAN - Karin, o senhor é o cônsul honorário do Brasil aqui mas, ao mesmo tempo, é depositário da memória da cultura brasileira, na medida em que o senhor veio de duas famílias muito importantes e com bastante tradição nessa cultura afro-brasileira no Benim em geral, e em Porto Novo em particular. Da memória do senhor como agudá, o que o senhor tem a nos contar?

KARIM-URBAIN DA SILVA - O assunto é muito vasto. Desde a chegada do senhor, o senhor encontrou pessoas. Eu queria responder sobre pontos precisos, em relação ao que o senhor viu e ouviu, senão ficaremos aqui dias e dias.

MG - Eu queria compreender o que nós discutimos há dois ou três dias lá no escritório do senhor em Cotonu e é justamente sobre a implantação do Islã em Porto Novo. Isso começou com a linhagem do seu avô.

KS - Principalmente. O senhor sabe, meu avô se chamava... Ele voltou aqui com o nome de Paraíso Barbero. O senhor sabe que tem uma diferença entre Babiero e Barbero. Tem *babiero* que quer dizer cabeleireiro e *barbero* que quer dizer barbeiro. Então, é qual?

MG - Eu acho que é aquele que faz a barba.

KS - Que apara a barba. Tem uma deformação que se compreende nas diversas línguas daqui, que não são cultivadas e sem ir à escola, então, repetir as palavras europeias ou anglo-saxônicas é impossível. Eu dou um exemplo. Para dizer Pierre, dizemos Fierre. Sobre o plano linguístico, alguns não conseguem pronunciar os sotaques, sobretudo de língua europeia ocidental. Então, é a ele<sup>1</sup> que devemos a implantação do Islã em Porto Novo. E quando ele mesmo, filho de um rei da tribo de Oyó, ???<sup>2</sup> seu pai, envelhecendo, seus irmãos invejosos de sua promoção, porque ele era quase o príncipe reinante. Essa inveja os levou a planejar um golpe depois da guerra, eles foram para o campo de batalha e o levaram para ver a extensão da guerra, e ele caiu numa armadilha e foi feito prisioneiro dos inimigos, os reis de Abomé. De Abomé eles o levaram para Uidá - ele contou isso fielmente aos seus filhos, que são meus tios. Ele então partiu para

---

<sup>1</sup> O avô do entrevistado, Paraíso Barbero.

<sup>2</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

o Brasil<sup>3</sup>. Como era alguém que tinha sido preparado para o trono, ele tinha recebido uma educação severa, dura, então não foi nada fácil para os europeus no Brasil [lidar com ele], [pois] ele já era um líder.

MG - Ele já era islamizado?

KS - Não. São os ???<sup>4</sup>, com os hauçá da Nigéria, ele não era islamizado. Ele era iorubá. O fato de ele estar com os hauçá e que estes portavam amuletos, e acreditavam que esses amuletos eram poderosos e que os protegeriam contra tudo e mesmo o fuzil. Apesar disso, eles caíram por terra. Enquanto os europeus nem acreditavam que era uma escritura, eles já sabiam escrever. Os amuletos que eles encontravam, eles tentavam copiar para fabricar vários outros, que eles partilhavam com os outros e diziam que era com isso que eles se protegeriam. Ele acreditava. Depois que eles foram presos, depois das insurreições que houveram por lá, quando a polícia descobriu esses amuletos, ela os desmontou e viu uma escritura, uma figura árabe, ininteligível, sem sentido. A partir do momento que eles viram a escritura eles se disseram: “- Mas isso não é possível, eles são perigosos”. Isso amedrontou a potência. Liquidaram e prenderam alguns e viram que aqueles que eram líderes eram perigosos e deviam ser repatriados. Foi assim que ele deixou o Brasil e veio para a África. Ele disse: “- Muito bem. Eu me arranjo com o capitão ???<sup>5</sup>”. “- Você leva esses negros para a costa e faça deles o que bem entender”. Essa conversa foi captada por um deles e eles disseram que era grave. Eles fizeram a coisa, se deixaram levar e pegaram diretamente a direção da África. Eles chegaram a Lagos, que se chamava [então] Oni. Eles se jogaram na água com os pedaços [de botes, ou boias] <sup>6</sup>de segurança, nadaram e chegaram. Um bom número decidiu voltar para sua região de origem. Ele, ele conhecia sua história, então preferiu ficar em Lagos. Entre eles existiam alguns que não sabiam mais para onde ir. Outros ele adquiriu, pois ele era líder<sup>7</sup>. Eles se instalaram [em Lagos] e ajudaram as pessoas nos trabalhos de construção de casas. Eles eram bem pagos. Entre os que partiram existiram aqueles que contaram na cidade a história deles. O rei, tendo descoberto o que ocorrera, os fez vir ao palácio, os recebeu e pediu notícias de seu primo. Eles disseram: “- Ele está bem, está no porto”. O rei manda buscá-lo. Ele nasceu por volta de 1800. Isso se passou entre 1840-1845. Ele tinha 45 ou 48 anos. Ele era valente. Ele chegou e as pessoas disseram: “- Entre nós todos, ele é o único que tem uma barbicha. Daí o Barbeiro. Quando ele voltava, aparou a barba como um bode<sup>8</sup>. E o chamavam de barbeiro, barbeiro. Basta ver, ele é o único que tem uma barbicha de bode. Quando pessoas chegaram, aconteceu de ele se machucar num canteiro de obra. Como o ferimento não cicatrizava, ele teve que se barbear para curar a ferida. Alguém veio e se dirigiu a um deles, porque ele não viu a barbicha. Ele se informou e lhe disseram que ele [o barbeiro] era alguém muito jovial.

---

<sup>3</sup> Foi vendido pelos inimigos como escravo.

<sup>4</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> No manuscrito há apenas “morceaux de secours”, mas aparentemente faltam palavras.

<sup>7</sup> “Il y a d’autres qui sont acquis à lui puisqu’il était meneur”.

<sup>8</sup> No manuscrito está escrito “Il a taillé la barbe en bouc”, mas trata-se da “barbe en bouc”, ou “barba de bode”, ou ainda, cavanhaque.

Eles lhes responderam que ele [o barbeiro] foi trabalhar na cidade<sup>9</sup>. Alguns ficaram aqui, e outros foram trabalhar. Nós não somos de semana<sup>10</sup>. Então, volte em quatro dias. Na noite eles pegaram seus pertences e saíram ameaçados, a pé, e chegaram à Badagry. A gente do rei partiu quatro dias depois e não encontrou ninguém. Eles perguntaram [do paradeiro dele] e disseram que ele tinha partido havia quatro dias. Eles contaram ao rei o que viram e ouviram. O rei enviou uma expedição à Badagry; é o único mercado. Quando chegaram à Badagry, eles montaram guarda. Efetivamente, eles tinham chegado. Eles pegaram seus pertences e partiram novamente, para Sèmè. Eles se instalaram em Sèmè. Eles viram que um barco tinha naufragado lá. Nesse barco ???<sup>11</sup>, o capitão Gonzalo ???<sup>12</sup>. Eles começaram a viver lá. O rei, que não era desarmado, disse que tinha relações muito boas com o rei de Porto Novo. Ele mandou uma expedição à Porto Novo para dizer ao rei que certos sujeitos seus fugiram e estão nas terras dele. Tratava-se do rei Sodji, de Porto Novo, que foi entronado em 1851. O rei não se sentia muito à vontade no poder porque sua subida ao trono foi objeto de contestação<sup>13</sup>. Ele era inteligente. Ele disse à expedição de partir porque ele ia fazer ele mesmo enquetes para procurar [o barbeiro]. Ele saiu em temporada de chuvas e isso não é fácil de ir à Sèmè em momentos como esse. O rei enviou bravos homens [atrás dele]. Chegando, eles os viram no barco que naufragou. Então, eles não disseram que tinham vindo para prendê-los, mas sim que o rei ficou sabendo da chegada deles e queria vê-los. Eles disseram que, quando se chega a um país é preciso conhecer seu chefe, e por isso o rei queria vê-los. O rei começou por gritar com eles, então aqueles que o rei tinha enviado para buscá-los disseram: “Atenção, eles são negros brancos, eles fabricam armas”. Então o rei os recebeu com referência. O rei disse a eles: “- Vocês estão no meu território, normalmente vocês deveriam tentar me ver”. Eles disseram que buscavam atravessar [o território] e viram que um dos seus tinha naufragado ali, eles esperaram para lhe prestar socorro, para depois repartir. Contaram então a eles que o rei d’Oyo os perseguia e que agora eles eram prisioneiros e que eles iam pegar os outros e [lhe pediram para] dizer o que ele pensava. Ele disse ao rei que sua vontade seja feita. Ele disse ao rei que ele era príncipe, o rei queria que ele se submetesse a provas. Ele abre seu peito e mostra as marcas que portam os príncipes. O rei lhe perguntou: “- Você aceitaria meu conselho?”. Ele disse ao rei que ele concordava. ???<sup>14</sup>. O reino de Porto Novo tinha assaltos repetidos de Abomé, então o rei não estava tranquilo, eles queria que pessoas fortes estivessem do seu lado. Quando ele aceitou de ser o conselheiro do rei, o rei impôs uma condição: “- Que você venha morar aqui”. Ele disse que viveu muito tempo no Brasil, estava então acostumado com o frio, que, sobre a costa, a brisa lhes oferecia uma

---

<sup>9</sup> Esse trecho está confuso, como o francês falado pelo entrevistado. Aparentemente, seu avô recebeu a proposta de emprego de alguém que não sabia que ele era primo do rei, pois ele tinha cortado a barbicha de bode. Nesse ínterim, seu avô teria aproveitado para fugir para a cidade com o patrão. O trecho em francês: “Celui qui est venu s’est adresse à un d’entre eux, parce qu’il n’a pas vu la petite barbe. Alors, Il s’est renseigné et Il a dit qu’il a appris que c’est quelqu’un de très jovial. Il lui répondit qu’il est allé travaillé en ville”.

<sup>10</sup> Esse trecho está bastante confuso e a tradução é bastante dessa frase e das duas seguintes é literal.

<sup>11</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> No manuscrito lê-se “tentation”, mas “contestation” parece mais apropriado.

<sup>14</sup> Pontos de interrogação no manuscrito.

compensação. O rei disse que estava de acordo, então, mas que não podia esperar quatro semanas para que ele pudesse chamá-lo quando houvesse problemas. Ele acabou aceitando. O rei lhe deu um vasto domínio na laguna. Ele aceitou. Isso se chama a laguna de Barbero. Odo Barbero. É perto daqui. Ele construiu sua casa. Então, em tanto que conselheiros do rei, os muçulmanos hauçá vinham aqui. Eles são nômades que atravessavam [territórios], eram perseguidos. [Depois de seu tataravô] Desde que eles venham da Nigéria, são considerados como irmãos. Quando eles são daqui, eles estão sob sua proteção.

MG - São os primeiros muçulmanos que vieram aqui?

KS - Sim, sendo irmãos da Nigéria, eles serão bem recebidos. Nós não os perseguimos mais. Eles são livres para exercer seus cultos, pois o conselheiro do rei estava lá. ???<sup>15</sup> ele mesmo tendo estado perseguido pela coisa do cristianismo, eles disseram: “- Somos nós que construímos as igrejas lá”. Se algo é construído, vira propriedade dos brancos. Foi o que levou os “coisas”<sup>16</sup> lá a construírem sua própria igreja. É por oposição à religião do mestre. Quem quer que tenha vindo de lá, não seguiu a religião dos hauçá; ele se fez batizar e tornou-se muçulmano.

MG - Então, ele, apesar de ter participado da revolta dos islâmicos lá no Brasil, ele não era islamizado. Foi aqui que ele se islamizou?

KS - Ele era simpatizante. Ele seguiu os hauçá que instalaram a religião. Ele tornou-se o grande patriarca dos muçulmanos. O rei deu a ele um domínio não longe da laguna onde a primeira mesquita foi construída. Toda a gente que vinha do Leste da Nigéria parava aqui. É como um grande salvador. Imagine alguém que vem da Nigéria, é automaticamente seu irmão, a coisa da realeza da Nigéria. É como se uma parte da realeza d’Oyó estivesse aqui. Ele também exercia uma pequena coisa<sup>17</sup> sobre os estrangeiros que vinham [para cá]. Todos os muçulmanos iorubá daqui devem a ele. É da mesma forma com os compatriotas. Eles se instalaram, sobretudo em Uidá, onde tem o mar de Porto Seguro; de Aguê até o Togo, eles sempre eram objeto dos assédios dos reis; as pessoas vinham lhes pilhar para pegar o que eles traziam. Tendo sabido que alguém dos seus gozava de privilégios em Porto Novo, que o conduziram a ser conselheiro do rei, eles se disseram: “- Lá nós estaremos tranquilos”. Então, todos aportaram em Porto Novo, tem uma grande colônia de afro-brasileiros aqui. Eles faziam comércio diverso, eles não podiam mais ser incomodados, o conselheiro do rei estava lá, pelo contrário, eles eram assistidos. Eles se instalaram na parte Oeste de Porto Novo e construíram casas como essa aqui e ajudaram os nativos no domínio culinário, os pratos que eles preparavam. Eles trouxeram as “coisas” de mandioca, a palmeira de óleo, as árvores frutíferas, coqueiro, abacate, isso veio do Brasil.

MG - A palmeira de óleo também?

---

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> “Machins”, coisas ou negócios.

<sup>17</sup> Idem.

KS - Sobretudo isso. Tudo veio do Brasil. A mandioca, a batata doce, e eles começaram a exercer e a formar os nativos daqui. Eles os pegavam como aprendizes e os formavam: alfaiates, pedreiros, carpinteiros, todo o artesanato. A renda era as meninas, as mulheres deles. A arte culinária, as pequenas coisas, os pães, os acarajés. Foram eles que trouxeram tudo isso. Quando o colonizador francês veio, ele encontrou uma civilização, já tinha uma nascida. Isso facilitou muito o trabalho dos franceses. Tinha os quadros. Eles foram os primeiros a ajudar a missão francesa a se instalar. Fora os Paraíso, os Lopes e tudo, aqueles que vieram são católicos. Meu avô veio encontrá-los aqui.

MG - O avô do senhor que veio de Uidá era cristão?

KS - Sim, ele era cristão. É como a maior parte daqueles que vieram aqui.

MG - Mas não foi com o avô do senhor que o Islã começou aqui, com a construção da mesquita e tudo isso? Ignacio Paraíso?

KS - É o filho de Barbero. É meu [bis]avô.

MG - Sim, é com ele que o Islã germinou aqui.

KS - Com seu pai, depois com o filho. O grande é o antepassado<sup>18</sup>, ele enviou seu filho Inácio para estudar no Brasil. Meu avô é instruído. Era alguém que falava correntemente português, inglês e também francês. Seu pai tinha ajudado o rei Sodji durante o protetorado da França, em 1863. Vinte anos mais tarde, é seu filho quem ajuda o rei Toffa, para aperfeiçoar esse protetorado, em 1883. Ele era conselheiro municipal, era influente<sup>19</sup>. As pessoas se revoltaram várias vezes contra sua autoridade. Ele saiu por cima. Aqueles que rebelaram contra ele eram os filhos das pessoas que ele tinha ajudado a se instalar. Os iorubás são muito ingratos.

MG - O senhor se lembra da querela da construção da mesquita?

KS - Sim. Essa querela se deu a partir de 1920. A mesquita atual, de 1923, onde houve uma querela que os nativos... É a natureza humana. As pessoas veem que antes era o pai quem os comandava, na vez do filho, eles não aceitam. Eles não querem que o filho ou o pai esteja na dianteira para comandá-los. O pai era inteligente, ele mandou o filho fazer estudos no Brasil. Ele voltou com a coisa a mais que seu pai e o rei Toffa, que reinava, só teve que o reconduzir para que ele ficasse do seu lado. Ele apenas aperfeiçoou a obra de seu pai. E as pessoas que são os filhos daqueles que... eles dizem: “- Como fomos comandados por seu pai?”. Eles se rebelaram. Eles chegaram a dizer que aquilo que eles cotizaram na época foi dilapidado. Ora, era o Lopez o tesoureiro! Então, Paraíso, ele, ele patroneava somente. Ele não sabia como as contas eram feitas.

MG - E a mesquita está lá?

KS - Sim. São nossos antepassados que têm.

---

<sup>18</sup> Seu bisavô.

<sup>19</sup> “C’était le mani tout”, era uma pessoa influente.

MG - Isso é muito bom. Vi na minha pesquisa que esse é o pano de fundo da querela, mas têm, sobretudo, coisas que são ligadas a prática religiosa, por exemplo. As pessoas acusavam os brasileiros de quererem se fazer enterrar em sarcófagos, caixões, contrariamente ao costume muçulmano de utilizar um lençol. Acontece também que os brasileiros preferem ser enterrados em casa e eles não querem que a cabeça seja voltada para a Meca. Tem histórias de como começar uma reza. Então, tem uma pequena diferença entre os muçulmanos brasileiros e os outros muçulmanos que não são partiram ao Brasil. Isso continua assim ou agora é tudo igual?

KS - Não, não é tudo igual. É o que eu encarno hoje. Não é preciso dizer que aquele que é oriundo dessa civilização não pode ser bem compreendido pelos outros praticantes. Eles criticam meu bisavô<sup>20</sup>, dizendo que os muçulmanos vão à igreja, porque para eles, a igreja é o Satã. Eu também sofro críticas hoje. Eu digo a eles que é o mesmo Deus. E eu consegui. Fiz conferências, troquei ideias e visões, eu escrevi também. Hoje os muçulmanos vão também à missa, eles assistem.

MG - Entre os muçulmanos que são brasileiros e os que não são têm diferenças?

KS - Não tem diferença. Mas tem aqueles que não são cultivados. Esses demoram a compreender. Antes as religiões se atacavam, a colonização favoreceu a implantação da igreja, antes o governador era o presidente da igreja. Os muçulmanos foram responsabilizados. A religião do governador era católica.

MG - Mas tinha os Paraíso dentro disso.

KS - Sim, mas uma só andorinha não faz primavera. E mesmo “a coisa”<sup>21</sup> não está. Antes de mais nada é uma questão de civilização. Quando adquirimos certo grau de cultura, evitamos a baixeza. O essencial é que nossa imagem, nossa tradição não se apague, porque não somos numerosos na sociedade. Nós somos a qualidade na quantidade, temos que velar pela nossa tradição para preservar a civilização. Eu reconstruí as coisas para que minha tradição, os outros, eles querem criar associações para brincar e para que lhe demos dinheiro. Você vê a diferença entre aqueles que fazem como modo de vida e os que fazem porque querem que as coisas não acabem. Eu faço para salvar o patrimônio, para que ele exista para a eternidade. Veja essa cama, eu vou restaurá-la, tudo o que trouxemos ou fabricamos, eu expus tudo aqui com a foto de nossos antepassados, a data da chegada deles, o que eles fizeram. Vou abrir ao público e enviar isso à Unesco.

MG - É uma boa ideia.

KS - É preciso de alguém que compreenda de verdade o que eu faço. Imagine essa casa me custou perto de 60 milhões bruto. As pessoas não entendem. Eu digo às pessoas que nenhuma casa será tão bela quanto ela.

---

<sup>20</sup> “mon grand”, no caso, o bisavô do entrevistado.

<sup>21</sup> Frase confusa: “Même le machin n’y est”.

MG - É uma casa com acabamento em madeira esculpida, muito bonita.

KS - Mas as pessoas não entendem. Doravante, são as festas do Bonfim que vamos celebrar. Convidaremos as pessoas para ver o museu, terá tudo, com os guardas, os objetos fechados, protegidos por vidros. Escrevi a todas as famílias, a todos aqueles que têm coisas antigas de seus parentes, para que venham expô-las.

MG - Será o único museu da cultura brasileira no Benim.

KS - Sim, e nenhuma outra pessoa poderá fazê-lo a não ser eu.

MG - O senhor tem razão, o governo?<sup>22</sup>

KSU - Não, são todos invejosos da nossa civilização.

MG - Apesar do fato de o presidente ser casado com uma brasileira.

KS - Sim, mas isso não muda tanto no fundo. Só o nome que temos já suscita inveja. Nós os ajudamos. É graça a nós que eles são como são, mas eles se voltam contra a gente.

MG - Dizem que são os agudás que fizeram o país, as igrejas, as mesquitas.

KS - Sim, tudo. Eles foram os primeiros professores. Os primeiros funcionários. Em tudo eles eram a elite do país. Vá ver Mga de Souza, ele compreende o que eu falo.

MG - Eu discuti com ele. Ele me disse que o Benim tem nove bispos e que entre esses nove, quatro são de origem brasileira. Nós vemos então o peso que os brasileiros têm na igreja. Entre os muçulmanos, vemos o mesmo peso? Primeiro tem o senhor, que é o representante muçulmano no Benim, e, no nível do Islã, tem uma forte presença brasileira também?

KS - Não, nós não chegamos a esse nível do árabe. Nós somos muçulmanos mas conservamos nossas origens cristãs. Nós só aprendemos aquilo que é preciso para seguir a reza. Nós [?]<sup>23</sup> os imãs mas nenhum do nossa clã torna-se um deles. Nós nos tornamos muçulmanos, mas não vamos perder nossas origens.

MG - É verdade.

KS - As rezas e eu estamos bem. Se o padre precisa de alguma coisa, ele me pede e eu envio para ele. Eu convido o padre, nós comemos juntos, bebemos vinho juntos. Quando tem um problema na missão, imediatamente eu voo para ajudar a missão. Sou o melhor amigo do padre. Nós reivindicamos essa igreja. Ela é para os afro-brasileiros. Os cristãos não são assim tão solidários como nós, os muçulmanos. Isso rendeu, de

---

<sup>22</sup> Frase estranha: “Vous avez raison, le gouvernement?”. Talvez o sentido seja: “Você tem o apoio do governo?”.

<sup>23</sup> Caligrafia incompreensível.

dinheiro, aproximadamente 400 mil francos. Eles me disseram para pegar a minha parte e eu disse não, eu devo completar.

MG - Isso não te causa problemas na comunidade muçulmana?

KS - Ao contrário, é por isso que eu tirei esse negócio da cabeça deles. E quando queria me entronizar, era na mesquita. Eu convidei os padres. Eles disseram que era a primeira vez que eles punham os pés numa mesquita.

MG - Foi em que ano?

KS - Em 1982. Eu tenho as fotos. Eles estavam muito contentes. Eles disseram que era o começo da confraternização.

MG - O padre Shanou estava lá?

KS - Sim, com os outros pastores. Os muçulmanos estavam contentes. É um trabalho em profundidade que eu fiz para levar as pessoas lá.

MG - Não tem um bairro muçulmano brasileiro, como tem em Ogadala?

KS - Eram os cristãos.

MG - Não tem um bairro para os muçulmanos brasileiros?

KS - Não, não, eles estão todos em volta da casa Paraíso. O senhor vê a diferença. Eu sei que as pessoas exclamam sobre mim, mas o que eu estou fazendo e que eu estou conseguindo em grande parte é banir essa querela religiosa. Tem uma igreja, Sainte Anne, durante a construção pessoas caíram e morreram. O comitê paroquial veio me ver para uma participação. Eu disse a eles de ir ver também os imãs. O que nós fizemos foi muito. Então eu, meu trabalho teve resultado. Mas não conseguimos tudo de uma vez.

MG - É muito importante o que o senhor está contando aí, para um historiador.